

## O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA E DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO- CULTURAL

*Elis Bertozzi AITA<sup>1</sup>  
Silvana Calvo TULESKI<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa teórica, realizada a partir do método Materialista Histórico-Dialético, que teve como objetivo discutir sobre o desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. As funções psicológicas superiores são a estrutura complexa da consciência, que se constituiu ao longo do processo de desenvolvimento sócio-histórico da humanidade. A consciência humana e as funções psicológicas superiores não estão prontas desde o nascimento, e não se desenvolvem com base apenas em um processo de maturação biológica. Elas são sociais, são o fundamento social da personalidade humana. O homem se humaniza à medida que se

apropria dos conhecimentos construídos pela sociedade ao longo da história. Mediante o processo de apropriação da cultura humana o homem desenvolve suas funções psicológicas superiores. As funções psicológicas superiores se organizam em sistemas funcionais, a partir de nexos interfuncionais complexos. Cada função isolada, bem como o sistema de funções psicológicas e seus nexos, se desenvolvem a partir da mediação por instrumentos e signos, reestruturando a consciência e o psiquismo humano. A consciência não está dada *a priori*, ela se desenvolve a partir das apropriações culturais. A consciência é composta pelas funções psicológicas superiores, que formam um sistema psicológico complexamente inter-relacionado. Conclui-se que o processo de humanização é essencialmente um processo educativo. Entende-se que a temática de estudo proposta neste texto contribui para a reflexão de todos os profissionais da Psicologia, em específico para os que atuam com a Psicologia Escolar.

**Palavras-chave:** Psicologia Histórico-Cultural. Consciência. Funções Psicológicas Superiores.

## THE CONSCIENCE AND PSYCHOLOGICAL SUPERIOR FUNCTIONS DEVELOPMENT UNDER THE HISTORICAL CULTURAL PSYCHOLOGY THEORY

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) - PR. Psicóloga Clínica. *E-mail:* elis\_aita@outlook.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Campus de Araraquara/SP. Professora Associada do Departamento de Psicologia da UEM- PR. *E-mail:* silvanatuleski@gmail.com

**Abstract:** The present article is characterized by a theoretical research realized based on the Historical and Dialectical Materialism method and it aims to discuss the development of conscience and superior psychological functions under the Historical-Cultural Psychology theory. The superior psychological functions are the complex structure of conscience that were constituted throughout the social historical development of humanity. Human conscience and its superior psychological functions are not ready since birth and are not only developed in a process of biological maturation. They are the social basis of human personality. Humanity humanizes itself as humans appropriate themselves of the knowledge constructed by society throughout history. Through the process of human culture appropriation, humankind develop its psychological superior functions. Psychological superior functions are organized in functional systems, from complex interfunctional nexus. Each isolated function, as well as the psychological functions and its nexus, are developed through instruments and signs, reconstructing human conscience and psyche. The conscience is not priori given, it is developed through cultural appropriation. Conscience is composed by the psychological superior functions, which form a highly complex interrelated psychological system. It is concluded that the

humanizing process is essentially educative. It is understood that the content discussed on this article contributes with all psychology professionals' reflections, specifically for those who work with educational psychology.

**Keywords:** Historical-Cultural Psychology. Conscience. Superior Psychological Functions.

## 1 Introdução

A atuação do psicólogo, seja na área clínica, escolar ou do trabalho, estará sempre pautada em uma visão de mundo e de homem, e em uma concepção de desenvolvimento humano. É esta visão de homem que estará dando sustentação para sua práxis profissional. Este profissional precisa ter clareza de qual é a fundamentação filosófico-metodológica, qual é a concepção teórica que embasa sua prática. Sendo assim, consideramos que é de suma importância que o psicólogo compreenda seu objeto de estudo, o ser humano, em seu processo de desenvolvimento que culminará na formação das funções psicológicas superiores. Precisamos ter clareza de como se desenvolvem as funções psicológicas superiores para podermos realizar uma prática que se pretenda transformadora.

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa teórica, realizada a partir do método Materialista Histórico-

Dialético, que teve como objetivo discutir sobre o desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural<sup>3</sup>.

Para o Materialismo Histórico-Dialético e para a Psicologia Histórico-Cultural, conhecer e compreender algo significa diferenciar o modo como esta realidade aparece e o modo com ela é concretamente produzida, visto que a essência não coincide com a aparência. A partir de tal concepção metodológica, devemos buscar apreender a essência dos processos psicológicos humanos, para além de sua aparência. Para tanto, precisamos realizar um estudo radical dos fenômenos, buscando suas origens, entendendo suas contradições, tomando-os em sua totalidade, como síntese de múltiplas determinações. Precisamos compreender o indivíduo concreto, cuja essência é construída na e pelas relações sociais de produção da vida material. É com base nestas concepções filosófico-metodológicas que pretendemos, no presente texto, compreender o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

O que define a essência humana, o homem como ser humano, é sua natureza social, construída histórica e socialmente. O que diferencia o homem do animal é que o primeiro é capaz de transformar a natureza, de criar

<sup>3</sup> O presente estudo é resultado da pesquisa da dissertação de mestrado da primeira autora, que contou com financiamento da CAPES.

sua própria condição de existência, e de aprender a regular seu próprio comportamento (VYGOTSKI<sup>4</sup>, 2007).

O homem se humaniza à medida que se apropria dos conhecimentos arquitetados e acumulados pela sociedade ao longo de seu desenvolvimento sócio-histórico. Ou seja, o homem se torna humano pela apropriação dos objetos e significados construídos pelas gerações anteriores, pela apropriação da cultura (LEONTIEV, 2004; 1983). “[...] o homem é um ser de natureza *social*, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela humanidade” (LEONTIEV, 2004, p. 279, grifos do autor).

As características eminentemente humanas são transmitidas não pela hereditariedade e sim pela apropriação da cultura. “Podemos dizer que cada indivíduo *aprende* a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 2004, p. 285, grifos do autor). Ao longo da história, os conhecimentos humanos

<sup>4</sup> O nome Vigotski é grafado de diversas maneiras em diferentes publicações. Para facilitar a leitura, optamos por adotar, ao longo do texto, sempre a mesma grafia do nome do autor, mantendo nas referências o nome original como consta na obra consultada. Optamos por utilizar a grafia *Vigotski*, como indica Prestes (2010).

cristalizam-se em produtos materiais e intelectuais. Cada geração começa sua vida em um mundo cultural, criado pelas gerações anteriores. Para que se humanize, o homem precisa se apropriar destes conhecimentos elaborados sócio-historicamente.

Os homens precisam transmitir seus conhecimentos e o fazem por meio da comunicação, que é condição necessária e específica para que o homem se desenvolva. Sem este processo de transmissão de conhecimentos e de comunicação por meio da educação seria impossível a transmissão do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade para gerações seguintes (LEONTIEV, 2004).

A composição da personalidade do homem e a estrutura de seu comportamento são construídas pelo desenvolvimento histórico dos homens. A constituição psicológica dos homens é diretamente dependente do desenvolvimento tecnológico, das forças de produção e da estrutura do grupo social a qual este indivíduo pertence. A constituição psíquica do homem varia de acordo com a sociedade em que este vive, de acordo com a estrutura do grupo social e o grau de desenvolvimento das forças produtivas (VYGOTSKI, 2007).

Os pressupostos teóricos acima expostos demonstram a visão de homem e de mundo em que se pauta a Psicologia Histórico-Cultural. Tais considerações demonstram a vinculação entre desenvolvimento da consciência e realidade externa,

ou seja, ratificam a natureza social do psiquismo humano.

No presente texto discorreremos sobre a formação da consciência humana e das funções psicológicas superiores, buscando explicitar como esta qualidade estrutural do psiquismo humano se desenvolveu ao longo da história e que características possui. Em seguida, procuraremos explicitar como ocorreu o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que integram a consciência, demonstrando o quanto tais funções são produto da história da humanidade. Após versar sobre a gênese histórico-social das funções superiores, procuraremos discutir como as funções psíquicas elementares se transformam em superiores ao longo do desenvolvimento ontogenético da criança.

## 2 A consciência humana

Escolhemos realizar este percurso na busca por compreender como o psiquismo humano se desenvolve, já que analisamos que tais conhecimentos oferecem fundamento para a prática psicológica em todos os campos de atuação que o profissional psicólogo possa estar inserido. O que é a consciência humana? Como ela se desenvolve? O que são funções psicológicas superiores? Qual sua relação com as funções psíquicas naturais? Qual a relação existente entre desenvolvimento humano e apropriação do conhecimento? É

pela busca por respostas a tais indagações que elegemos o percurso que percorremos ao longo do texto.

O processo histórico de transformação do homem, ou seja, as relações estabelecidas pelos homens com a natureza e com os outros homens, a construção da sociedade pelo trabalho e o desenvolvimento da linguagem, exigiu um grau de organização de ações que não poderiam ser garantidas somente pelo aparato biológico humano. O trabalho exigiu uma forma particularmente humana de reflexo da realidade, representada pela consciência (MARTINS, 2007). Assim, a consciência é

[...] um sistema de conhecimentos que vai formando-se no homem à medida que ele vai apreendendo a realidade, pondo em relação as suas impressões diretas com os significados socialmente elaborados e vinculados pela linguagem, expressando as primeiras através das segundas. Por tais razões é que podemos afirmar que a consciência é social por natureza, isto é, socialmente condicionada em seus determinantes e conteúdos (MARTINS, 2007, p. 67).

Leontiev (2004) compreende que é preciso apreender a consciência humana em seu desenvolvimento, em seu processo de construção, visto que a mesma não é algo dado, imutável. A consciência é construída pelas relações sociais e depende essencialmente do modo de produção da vida material dos homens. Transforma-se qualitativamente à medida que a qualidade das condições sociais da existência se modifica, ao longo do

desenvolvimento histórico e social da humanidade. Sendo assim, as particularidades da consciência humana dependem das especificidades das relações sociais de produção.

A consciência possui uma natureza social, e se desenvolve pela maneira como o indivíduo se apropria da objetividade da realidade. Ao apreender os significados sociais, o indivíduo pode dar a eles um significado pessoal relacionado com suas experiências particulares, com as suas necessidades, seus motivos e sentimentos, ou seja, com a sua própria vida. A consciência se estrutura através do trabalho, e se concretiza pela linguagem. Não se restringe ao mundo interno do sujeito, às suas vivências internas, mas deve ser compreendida como um ato psíquico, expressão das relações do homem com os outros homens e com o mundo (MARTINS, 2007).

Martins (2007) compreende que devemos tratar a questão da consciência/inconsciência das vivências partindo-se do entendimento de que a consciência é um *continuum* estruturado por relações objetivas de produção da vida material. “Como o número dessas relações é em princípio infinito, impossível se torna que tenhamos total consciência delas, ou seja, nenhuma vivência se torna absolutamente consciente em todas as suas relações objetivas” (MARTINS, 2007, p. 114). No entanto, é importante considerar que toda vivência mantém necessariamente alguma relação objetiva e, portanto, não pode ser



absolutamente inconsciente. Sendo assim, a consciência de um fenômeno é a unidade que engloba aquilo que se tem consciência e os aspectos que estão inconscientes.

A sociedade capitalista e sua divisão de classes produzem um tipo particular de consciência, visto que as transformações na forma de produção da vida determinam a ocorrência de mudanças nas propriedades da consciência. As características da consciência humana na sociedade de classes são dadas pelos processos de alienação que ocorrem nesta forma de organização social. Por isso, só é possível compreender a estrutura da consciência mediante a análise da produção histórica da vida material dos homens (LEONTIEV, 2004).

Segundo Leontiev (2004), a Psicologia não pode deixar de lado esta especificidade da consciência. Nas palavras do autor:

[...] ao deixarmos de lado estas particularidades de estrutura da consciência humana, ao pô-las entre parênteses na investigação psicológica, privamos a psicologia do seu concreto histórico e fazemos dela uma ciência do psiquismo do homem abstrato [...] (LEONTIEV, 2004, p. 133).

Para Martins (2007), a partir do método dialético, é possível entender a essência humana como movimento, como processo sustentado pelas contradições que a singularidade e a universalidade encerram. “[...] Conceber a essência humana como conjunto das relações sociais implica reconhecer que estas

relações são produzidas pelos homens por meio da atividade consciente, encontrando-se na base destas relações as relações sociais de produção” (MARTINS, 2007, p. 141).

A consciência não é um produto acabado, ela é um processo de desenvolvimento, um avanço de formas menos desenvolvidas a formas mais desenvolvidas. Ao longo deste processo de desenvolvimento histórico, evidenciam-se avanços, retrocessos, recuos e saltos qualitativos.

Isto mostra a conexão entre subjetividade e atividade vital do homem, pois é pela atividade que este homem constrói a si mesmo e ao mundo. Segundo Silva (2013, p. 158, grifos da autora), Leontiev<sup>5</sup> entende que

[...] a **atividade** é a unidade do processo da vida e, como vimos, a atividade especificamente humana é o **trabalho** e a **ação orientada a um fim consciente** é a unidade da atividade especificamente humana [...]. É no trabalho que se encontram as condições que originam a consciência como a forma propriamente humana do reflexo subjetivo da realidade objetiva [...]. A estrutura comum entre atividade e consciência é compreendida pela natureza social da consciência como movimento na atividade do ser social, no entendimento de que os processos internos, ou a atividade interior da consciência são produzidos externamente e **interiorizados**, sofrendo assim uma **transformação**.

Este autor demonstra a indissociabilidade entre

<sup>5</sup> Concordamos com Silva (2013) quando esta autora defende uma continuidade, e não uma ruptura, entre a teoria da atividade de Leontiev e os pressupostos teóricos de Vigotski.

consciência e atividade, e ratifica que o psiquismo humano se constrói a partir da produção da vida material dos homens (SILVA, 2013).

### 3 O desenvolvimento das funções psicológicas superiores

A partir do que discorremos acima, fica evidente que o processo de desenvolvimento da consciência humana está estritamente vinculado às relações reais do homem com os outros homens, sendo que tais relações dependem das condições históricas objetivas de construção da vida. Sendo assim, o próprio processo de desenvolvimento implica em contradições tal como as relações humanas.

São estas relações que criam as particularidades estruturais da consciência humana. São também estas relações que possibilitaram o desenvolvimento das funções psíquicas superiores ao longo da história. As funções superiores são um produto da evolução histórica da humanidade e da história social de cada indivíduo em particular, no processo dialético entre o universal, o singular e o particular. Tais funções se fundamentam nas relações humanas, sendo sua gênese, portanto, social.

Oliveira (2001) compreende que a *singularidade* (o indivíduo) se constrói na *universalidade* (o gênero humano), ao mesmo tempo em que a universalidade se concretiza na singularidade, por

meio das relações sociais específicas do contexto em que este indivíduo está inserido, relações que ela denomina de *particularidade*. A universalidade é uma abstração que tem como base a realidade concreta, mas que só existe quando se concretiza no singular.

Por sua vez, o singular também não pode ser compreendido em si mesmo, mas somente em sua relação intrínseca com o universal, relação que se dá pelas mediações (o particular). Passamos a ser nós mesmos pelos outros, ou seja, desenvolvemos nossas funções psicológicas superiores a partir de nossa inserção social, tendo sempre em vista a forma como o universal, o particular e o singular estão imbricados (OLIVEIRA, 2001).

As condições psíquicas biológicas, naturais, são condição para que as funções psíquicas superiores se desenvolvam, mas não determinam sua origem e desenvolvimento. Estas se originam e desenvolvem no processo histórico (PINO, 2000). Com a internalização dos instrumentos e signos sociais, as funções psicológicas elementares são reconstruídas e reequipadas, tornando-se superiores. Quando o sujeito se apropria de um instrumento psicológico sua função psíquica natural se eleva a nível superior, reestruturando e ampliando sua atividade (VIGOTSKI, 2004a, 2004b).

Signos ou instrumentos psicológicos são dispositivos artificiais criados pelo homem, que

determinam o domínio e regulação dos processos psíquicos (VIGOTSKI, 2000). Para o autor citado,

Chamamos signos aos estímulos-meios artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica, que cumprem a função de auto estimulação; [...] De acordo com nossa definição, todo estímulo condicional criado pelo homem artificialmente e que se utiliza como meio para dominar a conduta – própria ou alheia – é um signo. [...] (VIGOTSKI, 2000, p. 83).

É o próprio homem quem cria os estímulos que determinam suas reações e utiliza estes estímulos para dominar sua conduta. É ele quem determina seu comportamento com a ajuda de estímulos mediadores criados artificialmente. Os estímulos criados pelo homem são colocados a serviço da adaptação ativa, e são o traço que distingue as formas superiores de conduta das elementares (VIGOTSKI, 2000).

No início de seu desenvolvimento, a criança não é capaz de compreender como os signos poderiam ajudar na execução de determinada tarefa; não é capaz de utilizar-se de estímulos externos para organizar seu comportamento (VIGOTSKI, 2011). A criança ainda não consegue compreender, por exemplo, como os signos podem ajudá-la a memorizar algo. Nesta etapa, ela realiza suas atividades utilizando-se das suas funções psíquicas naturais (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

Ao longo do desenvolvimento, a criança passa a ser capaz de utilizar-se dos signos

para regular seu comportamento. Antes de lançar resposta para determinada atividade, a criança utiliza os estímulos artificiais, escolhe a resposta mais adequada e, somente depois disso, realiza a tarefa. A criança se apropria destas formas humanas de emprego de signos por meio das relações sociais, a partir da interação com os adultos ou pares mais experientes. Os signos são interpostos no processo e são utilizados pela criança para regular sua atividade (VIGOTSKI, 2011).

Por exemplo, a criança passa a se utilizar de estímulos externos como auxílio em seu processo de memorização. Torna-se capaz de usar o papel e lápis que lhe oferecemos, e, por exemplo, tenta desenhar aquilo que precisa recordar. Neste estágio, a criança já é capaz de se utilizar de instrumentos para realizar problemas psicológicos complexos. Porém, ainda não sabe usar da forma mais eficiente estes dispositivos externos, realizando apenas associações mais simples e diretas (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

Em um próximo estágio de desenvolvimento, os signos externos já não são mais necessários, visto que tornaram-se internos. A criança já os internalizou, e faz uso, agora, dos estímulos artificiais internos para regular seu comportamento (VIGOTSKI, 2011). Neste momento, ela já é capaz de compreender, por exemplo, que



pode utilizar-se da escrita como mecanismo de memorização.

Neste último momento, a criança já é capaz de utilizar-se dos signos de forma complexa. Compreende a função dos signos e os usa como estruturas auxiliares. A criança vai internalizando estes mecanismos e passa a realizar as atividades sem eles. A atividade continua sendo mediada, mas agora por signos internos (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

Tomando como exemplo a memória, a criança se apropria de técnicas de memorização. No início do desenvolvimento da criança, sua memória é natural, aproximando-se muito da percepção. Essa memória não é mediada, é imediata e surge como consequência direta dos estímulos externos. A introdução dos estímulos artificiais, os signos, permite ao homem superar por incorporação a memória biológica natural. A memória natural é determinada pela estimulação ambiental. Já a memória como função psíquica superior possui uma estimulação autogerada (VYGOTSKI, 2011).

Ao longo de seu desenvolvimento cultural, a memória natural vai sendo substituída por novos métodos artificiais, que fazem com que esta função psíquica atinja resultados máximos. A diferença da memória de uma criança pequena e de um adulto não está no fortalecimento ou desenvolvimento das capacidades naturais, mas sim na aquisição cultural de meios de memorização, na capacidade de

utilizar signos para memorizar algo. Isto demonstra que o desenvolvimento do homem não é simples maturação, e sim transformação cultural (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

As operações realizadas com a mediação do signo possuem este estímulo artificial como um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Percebemos, assim, que é o indivíduo quem estabelece esse elo de ligação, que cria uma nova relação entre o estímulo e a resposta (VIGOTSKI, 2011).

Em síntese, no início de seu desenvolvimento, a criança utiliza-se de suas funções psicológicas naturais para se adaptar ao meio, sendo estranha para ela a ideia de se utilizar de ferramentas e signos. Quando a criança começa a utilizar-se de instrumentos para realizar determinadas tarefas, ela passa do estágio primitivo e natural para o estágio cultural. Com o passar do tempo, estes signos são internalizados pela criança, e esta passa a utilizar-se de suas funções psicológicas superiores para realizar suas tarefas, não necessitando mais de auxiliares externos (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

A escrita é um importante exemplo de sistema de signos utilizados pela humanidade. É um sistema de signos auxiliares construído historicamente, usado para fins psicológicos, para se recordar ou transmitir ideias e fatos. Para que a criança possa escrever algo, ela precisa utilizar-se de um signo auxiliar, que não possui um significado em si mesmo

ou uma relação direta com o objeto que representa, mas, sim, funciona como uma operação que auxilia para que ela se recorde ou transmita algo (LURIA, 1998).

Ao longo do desenvolvimento, a criança passa a usar os rabiscos como um signo auxiliar de memória. Associa o que deve ser recordado com o rabisco, e este rabisco passa a ter a função de auxiliar, de um signo. Agora, a criança lembra-se de algo, pois o associa com uma marca específica, que a ajuda a recordar-se. Esta é a primeira forma de escrita da criança. É uma escrita rudimentar que já contém os elementos psicológicos necessários e que, posteriormente, se transformará na escrita cultural mais complexa (LURIA, 1998).

A criança passa de um rabisco não diferenciado para um sinal diferenciado. Em seguida, na pré-história da escrita, os rabiscos são substituídos por figuras e desenhos, que vão, finalmente, dar lugar aos signos. Quando a criança percebe que pode utilizar-se de um signo para recordar-se, ocorre um salto qualitativo em seu intelecto. A criança apreende um novo instrumento, descobre o uso instrumental da escrita (LURIA, 1998).

Inicialmente a criança usa traços e rabiscos simbolizadores. Depois, passa a utilizar-se de pequenos desenhos, até chegar a substituí-los por signos. Os desenhos são um simbolismo de primeira ordem, pois representam diretamente objetos e ações. A linguagem escrita é um

simbolismo de segunda ordem, já que representa um sistema de signos falados. Para que a criança passe de um simbolismo de primeira ordem para um de segunda ordem é preciso que ela compreenda que é possível desenhar também a fala (VIGOTSKI, 2011).

Com a aquisição da escrita, da função simbólica deste sistema de signos, a criança passa a dominar as formas culturais complexas, e suas funções psicológicas não mais operam de forma natural, sendo agora superiores, culturais. Ao dominar este sistema de signos e aperfeiçoá-los, a criança também se transforma (LURIA, 1998).

Os instrumentos e signos externos tornam-se internos, e o comportamento torna-se social e cultural em seu conteúdo e mecanismos. Todas as funções psicológicas superiores foram antes culturais, interpsicológicas, para depois se tornarem individuais, intrapsicológicas (VYGOTSKY; LURIA, 1996; VIGOTSKII, 2010). Sendo assim,

A criança assimila as formas sociais da conduta e as transfere a si mesma. O signo, a princípio, é sempre um meio de relação social, um meio de influência sobre os demais e somente depois se transforma em meio de influência sobre si mesmo. [...] Cabe dizer, portanto, que passamos a ser nós mesmos através de outros. Esta regra não se refere unicamente à personalidade em seu conjunto e sim à história de cada função isolada. Nela radica a essência do processo de desenvolvimento cultural expresso em forma puramente lógica. A personalidade vem a ser para si o que é em si, através do que significa para os

demais (VYGOTSKI, 2000, p. 149, *tradução nossa*).

Os signos conferem às funções psicológicas uma forma qualitativamente nova e superior, cultural, que permite ao homem controlar seu próprio comportamento. Esse processo de desenvolvimento, no qual a criança passa a compreender a relação entre o signo e a maneira de usá-lo não se dá de forma natural ou apriorística. Esse desenvolvimento é histórico e passa por uma série de transformações qualitativas. Não é algo que surge de dentro, e nem introduzido de fora, é resultado de um processo dialético de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2011).

A memória, no início do desenvolvimento da criança, ocupa uma função central, estando diretamente relacionada com o ato de pensar da criança. Pensar significa lembrar. O conteúdo do pensamento da criança é composto por suas lembranças concretas, e não pela estrutura lógica do conceito, como será nos estágios mais avançados do desenvolvimento. Ao longo do desenvolvimento, a memória passa a não ocupar mais um lugar central, que será ocupado pelo pensamento abstrato. Nas últimas etapas de desenvolvimento, lembrar significa pensar. Essa mudança indica que a própria função psicológica da memória se modifica e que, mais do que isso, modifica-se sua relação com o sistema de funções superiores como um todo, com o conjunto das outras funções (VYGOTSKI, 2011).

Em outras palavras, as funções psicológicas superiores constituem-se em sistemas psicológicos que, ao longo do desenvolvimento cultural, se modificam qualitativamente, tão radicalmente quanto as próprias funções isoladas (VIGOTSKI, 2011). Essas considerações demonstram que o desenvolvimento do psiquismo humano é um processo histórico-social, estritamente vinculado com a apropriação que o sujeito faz dos conhecimentos construídos e cristalizados nos objetos, signos e práticas sociais.

As funções psíquicas superiores formam sistemas psicológicos funcionais integrados. Para Vigotski (2000), nenhuma função psíquica se desenvolve de forma independente, mas, sim, em estreita conexão com o conjunto das funções psicológicas. Além disso, estas funções são o fundamento da estrutura social da personalidade. As funções psíquicas superiores são relações sociais internalizadas em ações, representações e palavras. Concluimos, assim, que “passamos a ser nós mesmos através dos outros” (VYGOTSKI, 2000, p. 149).

Para Vigotski (2011), a consciência é composta pelas funções psicológicas superiores, que formam um sistema psicológico complexamente inter-relacionado. As funções psicológicas superiores são a estrutura complexa da consciência, que se constituiu ao longo do processo de desenvolvimento sócio-histórico da humanidade.

Concluimos que a consciência humana e as funções psicológicas superiores não estão prontas desde o nascimento, e não se desenvolvem com base apenas em um processo de maturação biológica, mas sim a partir do processo histórico-social de apropriação da cultura, dos instrumentos e signos. As funções psicológicas superiores foram antes intersíquicas, para depois se tornarem intrapsíquicas. Elas são sociais, são o fundamento social da personalidade humana.

O homem se humaniza à medida que se apropria dos conhecimentos construídos pela sociedade ao longo da história. Mediante o processo de apropriação da cultura humana, o homem desenvolve suas funções psicológicas superiores. As funções psicológicas superiores se organizam em sistemas funcionais, a partir de nexos interfuncionais complexos, formando a consciência.

Cada função psicológica isolada, bem como o sistema de funções e seus nexos, se desenvolvem a partir da mediação por instrumentos e signos, reestruturando a consciência e o psiquismo humano. A consciência, portanto, não está dada a priori quando o sujeito nasce. Ela se desenvolve a partir das apropriações culturais que o mesmo faz ao longo de sua vida social.

#### 4 Considerações finais

Vigotski (2004a, 2004b) compreende que a linguagem e o uso dos signos reconstróem o psiquismo humano e que as funções psíquicas superiores são produto do desenvolvimento histórico da humanidade.

A consciência se desenvolve ao longo do processo histórico de desenvolvimento da humanidade. A consciência é um todo único, um sistema psicológico composto pelo conjunto das funções psíquicas superiores, que estão imbrincadas umas nas outras. A consciência se desenvolve a partir da modificação geral de sua estrutura e da mudança entre os vínculos de seus elementos, sendo que a relação entre a consciência e as funções psíquicas deve ser compreendida a partir da relação dialética entre uma parte e seu todo (VYGOTSKI, 1996; 2001).

O homem se desenvolve à medida que se apropria dos conhecimentos construídos e acumulados historicamente pela sociedade. É por meio deste processo de apropriação que ele constrói sua subjetividade, desenvolvendo sua consciência e suas funções psicológicas superiores. A consciência humana é construída pelas relações sociais estabelecidas pelos homens na produção e reprodução da vida. A qualidade da consciência, ou seja, suas características, depende das especificidades das relações sociais de produção. Estas relações constroem as particularidades

estruturais da consciência. A estrutura da consciência é composta pelos nexos interfuncionais, pelos nexos que vão se estabelecendo entre as funções psíquicas ao longo do desenvolvimento.

Pelo processo de internalização dos instrumentos e signos sociais, as funções psíquicas naturais vão se transformando dialeticamente em superiores. Os signos externos tornam-se internos, e o comportamento torna-se social e cultural. O homem passa a ser capaz de controlar seu próprio comportamento.

É o contexto histórico e cultural no qual o indivíduo está inserido que vai possibilitar a este se desenvolver como sujeito, por meio de uma relação dialética entre objetividade e subjetividade (CAMBAÚVA; TULESKI, 2007). Para a lógica dialética, é preciso ir além da aparência, do imediato, e compreender que os fenômenos são síntese de múltiplas determinações. Compreender o desenvolvimento humano com base nessa lógica significa que não se pode explicá-lo tomando como base somente o mundo interno do indivíduo e nem somente os fenômenos do mundo externo. Deve-se buscar um entendimento da unidade dialética existente entre indivíduo e sociedade, entre interno e externo, subjetividade e objetividade.

Buscar entender o desenvolvimento do psiquismo humano com base nestes pressupostos teóricos é tentar apreendê-lo em sua essência, para

além de sua aparência. É entendê-lo como produto da história dos homens, como movimento. Já que, como destaca Martins (2007), uma proposta de estudo da consciência humana que se pretenda verdadeiramente transformadora não pode desconsiderar que o homem pertence a uma forma determinada de sociedade, e que as particularidades desta sociedade constroem os indivíduos que dela fazem parte.

Entendemos que a temática de estudo proposta neste texto, sobre o desenvolvimento da consciência humana e das funções psicológicas superiores, contribui para a reflexão de todos os profissionais da Psicologia, em específico para os que atuam com a Psicologia Escolar. A Psicologia possui um papel fundamental na formação e atuação docente, e deve colaborar para o desenvolvimento de propostas que efetivamente promovam o desenvolvimento humano, por meio de práticas efetivas de ensino e aprendizagem (MEIRA, 2003).

Somente uma concepção crítica sobre o desenvolvimento do psiquismo humano é capaz de analisar as complexas relações implicadas no processo de desenvolvimento da consciência humana, elucidando como o homem se desenvolve, como se humaniza.

Verifica-se, pelo exposto, que o processo de humanização é essencialmente um processo educativo, quer seja dentro das instituições escolares, quer seja fora delas. A tarefa da Psicologia,



nos mais diversos campos de atuação, a partir desta perspectiva, em termos de atuação do psicólogo, coloca-se como uma tarefa educativa, por ser essencialmente voltada ao desenvolvimento humano e à superação de processos alienantes e alienadores próprios da sociedade capitalista, em sua maioria adoecedores e que obstaculizam a realização das potencialidades humanas.

## REFERÊNCIAS

- CAMBAÚVA, L. G.; TULESKI, S. C. A pseudoconcreticidade do conceito de subjetividade na Psicologia. *Revista de Educação*, Campinas, n. 23, p. 79-90, nov. 2007.
- LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEONTIEV, A. N. *Actividade, conciencia e personalidad*. Habana: Pueblo e Educación, 1983.
- LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998. p. 143-190.
- MARTINS, L. M. *A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- MEIRA, M. E. Construindo uma concepção crítica de Psicologia escolar: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Sóciohistórica. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Org.) *Psicologia Escolar: Teorias Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 13-77.
- OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: *V Encontro de Psicologia Social Comunitária*. UNESP: Bauru, SP, 2001.
- PINO, A. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.) *Psicologia & Educação: revendo contribuições*. São Paulo: Educ, 2000. p. 33-62.
- PRESTES, Z. R. *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil, Repercussões no campo educacional*. 2010. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.
- SILVA, R. L. *Leontiev e a natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história*. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VIGOTSKI, L. S. O método instrumental. In: Vigotski, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

VIGOTSKI, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. Em: VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2010. p.103-117.

VYGOTSKI, L. S. *A transformação socialista do homem*. URSS: Varnitso, 1930. Tradução Marxists Internet Archive, english version, Nilson Dória. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>>. Acesso em: fevereiro de 2007.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas III*. Madri: Visor, 2000.

VYGOTSKI, L. S. Pensamento e Linguagem. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas II*. Madrid: A. Machado Libros, 2001.

VYGOTSKI, L. S. Paidología del adolescente. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas IV*. Madri: Visor, 1996.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o*

primitivo e a criança. Porto Alegre: Artmed, 1996.

Recebido em: 15 de março de 2017  
Revisões requeridas: 01 de julho de 2017  
Aceito em: 13 de julho de 2017